

A experiência da adaptação de narrativas teatrais para o audiovisual: um estudo de caso em Mato Grosso ¹

Jayne Helen STAGGEMEIER ²

Pedro Pinto de OLIVEIRA ³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

Resumo

O presente artigo analisa, pelo viés teórico e prático das noções de adaptação de peças de teatro para o audiovisual, com um estudo de caso: a experiência de um diretor de teatro que fala da perspectiva do campo teatral sobre as possibilidades da criação para o audiovisual. A argumentação do diretor e dramaturgo Wanderson Lanna da Cia Faces de Teatro, de Primavera do Leste – MT, é apreendida a partir da entrevista concedida por ele ao programa Agora Quando, da TV Universidade. Ele situa o processo de criação de seus roteiros, e também especificamente sobre o texto “ O menino e o céu” e uma possível adaptação audiovisual. Nosso procedimento de análise foi de aproximar os argumentos práticos do diretor com as noções conceituais do texto audiovisual.

Palavras-chave: Adaptação; Audiovisual; Cinema; Roteiro; Teatro.

Introdução:

Neste artigo, fizemos um estudo sobre a relação entre o roteiro teatral e a sua transição para o audiovisual. Nosso objetivo foi o de aprofundar a discussão sobre a noção de adaptação de narrativas teatrais para o audiovisual e, em desdobramento, abrir novas pesquisas no campo da comunicação e das artes sobre a relação entre práticas e conceitos. Em uma entrevista realizada pelo programa Agora Quando, conversamos com o diretor e dramaturgo Wanderson Lana da Cia Faces de Teatro, de Primavera do Leste – MT. Através desta entrevista, demos início à uma aproximação dos argumentos práticos do diretor com as noções conceituais do texto audiovisual, em um estudo de caso.

A problemática da adaptação é exatamente essa, não se pode fazer uma releitura idêntica à anterior. O próprio verbo já diz, adaptar, moldar, adequar, modificar. Como

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 12 a 14 de junho de 2017.

² Estudante de Graduação 8º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV da Faculdade de Comunicação e Artes da UFMT jayne.staggemeier@gmail.com

³ Professor Dr. da Faculdade de Comunicação e Artes da UFMT, orientador da pesquisa ppo@terra.com.br

modificar o texto de outro autor, sem que se deixe esquecer a essência da obra já escrita, contanto, inserindo o sentido que o novo roteirista pretende. Podemos definir o termo adaptação, de acordo com o contexto que é inserido. São essas algumas das discussões postas em pauta ao decorrer do artigo.

Primeiramente, apresentamos um breve panorama sobre a história da adaptação no Brasil e obras de sucesso adaptadas por autores brasileiros, como por exemplo a minissérie *Dois irmãos*, exibida em janeiro de 2017 com autoria de Milton Hatoun, adaptada por Maria Camargo roteirista do *Sítio do Pica Pau Amarelo* (2005) e com direção artística de Luiz Fernando Carvalho, que foi também diretor de *Hoje e dia de Maria* (2005), *Velho Chico* (2016) e outras.

Relacionamos nesse artigo as ideias de adaptação e a entrevista do diretor e dramaturgo Wanderson Lana, aos fundamentos de: Graeme Turner, Linda Hutcheon, Syd Field e Doc Comparato, quanto à adaptação de roteiros.

Fundamentos

No Brasil e no mundo, a discussão sobre adaptação de roteiros vem ganhando cada vez mais espaço. Essa é uma prática que existe desde os primórdios do cinema, onde muitas histórias foram adaptadas para as telas, como o curto filme mudo: *Sherlock Holmes Baffled* (1900), de apenas trinta segundos, onde o personagem literário Sherlock Holmes é inserido no contexto audiovisual pela primeira vez. Além do famoso e conhecido detetive, em 1865 foi escrito o livro “*Alice no país das maravilhas*” que teve sua primeira adaptação audiovisual em 1903, uma obra literária muito adaptada até hoje tanto para o teatro quanto para o cinema. Em Cuiabá MT, foi realizada a adaptação do livro “*O Maravilhoso Mágico de Oz*” de L. Frank Baum (1900), por Eduardo Butakka e Thyago Mourão para o espetáculo “*As bruxas de Oz*” (2015). A história contada por L. Frank Baum, nos remete em alguns momentos à trechos de “*Alice no país das maravilhas*” de Lewis Carroll (1865), talvez pelo mesmo percurso por onde caminham os dois textos, tanto Alice de Carroll quanto Dorothy de Baum, vão parar em um lugar desconhecido e descobrem um mundo diferente do de costume, fazem vários amigos durante a viagem, aprendem muitas coisas e depois voltam para casa. Em um questionário virtual elaborado para este artigo, o publicitário, ator e dramaturgo Eduardo Butakka, comentou referente à sua última adaptação realizada em Cuiabá:

“Eu preferi beber direto da fonte e evitei o filme, que já era uma adaptação muito boa por sinal. No entanto, eu queria criar novas

referências a partir do livro e não do filme. Neste caso específico, a referência do cinema era muito forte, difícil de apagar da memória, mas tive em mente que haveria perdas e ganhos. Eu teria que abrir mão de muitas coisas que o cinema havia criado, porém tinha a possibilidade de contar uma história conhecida com originalidade, uma vez que estava contando ao meu modo. Acho que o maior desafio sempre foi esse: manter traços de originalidade dentro da fidelidade com a obra original. Parece um contrassenso, mas, na minha opinião, é isso que garante uma boa adaptação”.

As características do texto teatral e do roteiro adaptado para o audiovisual, possuem linguagens que se diferem em cada uma das categorias midiáticas. Graeme Turner comenta que, quando se trata de imagens, não trabalhamos apenas com o conceito que elas representam.

As imagens, assim como as palavras, carregam conotações. A imagem filmada de um homem terá uma dimensão denotativa – remeterá ao conceito mental de “homem”. Mas as imagens têm uma carga cultural; o ângulo usado pela câmera, a posição dela no quadro, o uso da iluminação para realçar certos aspectos, qualquer efeito obtido pela cor, tonalidade ou processamento teria o potencial do significado social. Quando lidamos com imagens, torna-se especialmente evidente que não estamos lidando apenas com o objeto ou o conceito que representam, mas também com o modo em que estão sendo representados. A representação visual também possui uma “linguagem”, conjuntos de códigos e convenções usados pelo espectador para que tenha sentido aquilo que ele vê. As imagens chegam até nós já como mensagens “codificadas”, já representadas como algo significativo em vários modos. (TRUNER, 1997, p. 53)

O cinema tem seus próprios códigos e convenções, além da filmagem e de diferentes angulações de câmera, a iluminação é um dos elementos significadores mais importantes tanto para o cinema quanto para o teatro, pois somente assim pode ser criada a ilusão de realidade na cena. Dessa forma, como o som, a trilha sonora escolhida para ambos os gêneros, tem a intenção de causar no espectador a sensação de realidade, isso se dá pelo uso de sons diégeticos e também através da trilha musical para dar o tom a emoção. No espetáculo “O menino e o céu” há uma cena onde se instala o clima de suspense, no audiovisual, poderia ser transmitida através da trilha sonora mais tensa, pouca iluminação no cenário e enquadramentos específicos para mostrar a expressão no olhar dos personagens, gestos e o contexto geral da tomada.

Doc Comparato fala em seu texto “ Da criação ao roteiro”, sobre o “quadro de ideias” elaborado por Lewis Herman, onde fala de onde podem surgir as ideias para a criação de novos roteiros, que na verdade são coisas já existentes, adaptadas por nossa memória. Ele indica seis campos onde as ideias podem ser encontradas.

É fundamental para um roteirista ver e sentir a cena. Nossa imaginação deve estar treinada para ver cenas em nossa mente. Como a nossa mente tem um limite e como, com o tempo, este exercício se torna repetitivo, devemos procurar ver também através de outros olhos e de outras mentes. (COMPARATO, 2009 p. 80)

A ideia selecionada segundo Herman, é aquela que vem de memórias ou de nossas vivências pessoais. Relacionando a resposta de Wanderson Lana durante a entrevista, onde foi questionado como havia surgido a ideia da escrita do roteiro “O menino e o céu”, identificamos que sua resposta se encaixa na ideia selecionada, pois segundo Lana, o roteiro surgiu a partir de uma memória pessoal do autor, que quando criança por volta de seus oito anos, tinha o sonho de voar e acreditava firmemente que em algum momento isso aconteceria.

Além de utilizar memórias pessoais para a construção do roteiro, permeou muito a utilização das memórias de pessoas que imigraram para o Mato Grosso, referente à formação de Poxoréu, cidade do interior do Estado, que foi colonizada em sua maior parte por maranhenses e baianos. Wanderson utilizou-se das relações dos personagens com a seca, situações de fome e o trajeto de seu local de origem até aqui. O que pode caracterizar a segunda ideia de Lewis Herman, a ideia verbalizada. Ideia que surge a partir de causos, comentários e meias histórias que ouvimos de outras pessoas.

A ideia Lida, dita por Lewis como “ideia grátis”, é aquela que surge a partir de algo que lemos em jornais, livros, revistas. A ideia transformada, é a que será adotada no processo de adaptação do Roteiro de autoria do dramaturgo Wanderson Lana, comentado anteriormente. Onde farei a reescrita, transformando e manipulando uma “nova criação” com base em um roteiro já escrito.

Segundo o ator e também comunicólogo Thyago Mourão, “respeitar a essência do criador do texto é muito difícil e delicado, por isso é preciso fazer uma imersão não só no texto principal, mas na história do autor e em outras referências”. Vale esclarecer que um roteiro adaptado ou uma ideia transformada, não é um plágio. Desde que esteja de acordo com a ideia de adaptação, um molde reformulado do texto anterior. O plágio é caracterizado pela cópia fiel, de algumas partes ou de todo o roteiro da primeira obra.

Temos ainda nesse quadro proposto por Herman, a ideia solicitada e a ideia procurada. A ideia solicitada ou proposta é aquela que nos é encomendada, geralmente preferimos contar sobre algo que gostamos de escrever, no caso da ideia proposta, existe em sua maior parte aquele receio em escrever sobre o que não se sabe e é aí que se torna

interessante, o desafio passa a ser uma tarefa apaixonante. A principal característica da última ideia proposta no quadro de ideias de Lewis Herman, se dá através de estudos realizados, onde são identificados quais tipos de filmes o mercado busca, a ideia procurada “ocupa um vazio no mercado” segundo Doc Comparato. É necessário que o roteirista esteja cada vez mais atento e observador quanto ao que o mercado quer e a quais histórias ainda podem ser contadas.

Procedimentos Metodológicos:

Nas referências teóricas, selecionamos as argumentações de Doc Comparato que fala sobre a construção do roteiro e dentro de seu texto, aplicamos a relação da fala de Lewis Herman citada por Comparato à fala do entrevistado, quanto ao quadro de ideias proposto por Herman e o processo de criação comentado por Lana sobre o roteiro de “O menino e o céu”. De Graeme Turner, utilizamos os elementos significadores e a noção do estruturalismo nas narrativas, tanto na literatura quanto no audiovisual. Assim podendo relacionar os conceitos com a entrevista realizada no programa Agora Quando, com o ator, diretor e dramaturgo Wanderson Lana.

Estive presente em todos os processos que permearam a realização dessa entrevista para o programa Agora Quando - programa de televisão realizado por alunos do curso de comunicação da UFMT -, atividade desenvolvida pelo professor doutor Pedro Pinto de Oliveira desde 2009, veiculado pela TV Universidade, canal 2 TV Brasil. Particpei da escolha da pauta e do entrevistado, também de agendamento da entrevista e criação de parte do roteiro. Além das funções que envolvem produção e construção de roteiro, realizei também a apresentação do programa, no perfil de entrevistadora. Dessa forma, as perguntas inseridas no roteiro, puderam ser previamente anguladas para colocar no centro a discussão sobre adaptação e sobre o processo de escrita do roteiro “O menino e o céu”. Com um recorte dos pontos principais, considerados mais interessantes e complementares para que se encaixassem nessa análise.

Achados da pesquisa:

Durante a entrevista, Wanderson Lana comentou sobre o processo de criação do roteiro citado, através dos fundamentos teóricos é possível notar a semelhança entre a teoria e a prática. O roteiro teve uma fase inicial colaborativa de ideias, onde

Wanderson sugere o enredo do roteiro à um outro integrante da Cia Faces, Darci Souza Junior. Esse processo inicial, se encaixa na ideia solicitada de Lewis Herman, onde o outro autor sem ideias em um determinado momento, solicita ajuda a Wanderson, que sugeriu a história de um menino que sonhava um dia voar, essa que primeiramente, é uma ideia selecionada a partir das memórias pessoais de Lana. Complementando, Syd Field (2001) fala que a “Colaboração é uma experiência de aprendizagem.”



Wanderson conta que iniciou a escrita do roteiro ao mesmo tempo em que Darci também o escrevia. No outro dia, Wanderson já estava com o roteiro encaminhado, ao menos umas seis páginas escritas. Darci o ajudou também em mais alguns capítulos e foram dando continuidade a história. Syd Field em seu texto “Manual do Roteiro”, fala sobre a importância das primeiras dez páginas do roteiro, elas são cruciais. Pois são nelas que apresentamos nossos personagens e damos um caminho para os acontecimentos. Já dizia Renoir, "Uma única pessoa não pode fazer tudo". Assim nasceu o roteiro do espetáculo teatral “O menino e o céu” a história de um menino que sonhava um dia voar, mesclando a experiência vivida por Wanderson quando criança, a ideia selecionada e a ideia verbalizada sobre a vinda dos imigrantes maranhenses e baianos à Poxoréu, interior de Mato Grosso.

Quando o espetáculo esteve em cartaz, a Cia faces ficou impressionada com a repercussão e as muitas críticas positivas quanto ao espetáculo. Muito provavelmente o sucesso do espetáculo se deu pelo conjunto nele aplicado, a inserção de um drama para infância e juventude impressionou não somente o espectador, mas também os jurados

pelos mostras teatrais dentro e fora do estado de MT. Segundo Doc Comparato, o conflito deve existir para se ter um bom roteiro, algo acontece, algo precisa ser feito e algo se faz.

O roteiro “O menino e o céu” estabelece claramente essa relação, a falta d’água, sede e fome dão origem ao problema, que necessita ser resolvido, então sai o menino em busca de uma solução, caminha sertão adentro sob o sol para buscar água e chuva e acabar com a seca, no percurso do roteiro inserido de forma clara, percebemos os pontos de virada, *plot point*, comentados por Syd Field em seu texto manual do roteiro, “Um ponto de virada (*plot point*) é qualquer incidente, episódio ou evento que “engancha” na ação e a reverte noutra direção.” (FIELD, 2001)

Wanderson fala na entrevista sobre os assuntos tratados dentro do espetáculo. Ter inserido no contexto do roteiro assuntos como a fome, a sede, a decepção e a morte, temas que são deixados de lado muitas vezes por outros autores por serem tidos como complexos, sem levar em consideração que a infância e a juventude são atravessadas por esses assuntos relevantes, que se encaixam de fato nesse momento de descobertas e aprendizado. O espetáculo é montado em cima de símbolos, proporcionando camadas de entendimento. Os adultos entendem de uma forma e as crianças de outra, até onde estão preparadas para entender.

Isso é algo que não costumamos parar para pensar, mas de fato, tratar de assuntos como morte, fome e sede para crianças, em um primeiro instante podem assustar - o que não deveria - mas a forma “como eu mostro” e “como eu conto” dá totalidade e significado a acontecimentos como estes, assuntos que podemos dizer ainda serem tabus, tratados com sutileza, permitindo assim como Wanderson disse, camadas de entendimento, onde adultos entendem de uma forma e crianças entendem de outra. Melhor exemplo para isso é mostrar a morte do menino, com tom de sonho, paz e tranquilidade, o menino está de fato no céu, voando.

Na cena III o Menino, o Jumento e o Sapo são abordados e confrontados pelo Urubu, um personagem nada gentil, que deseja - “almoçar, jantar, cear”. O Menino então, não gostando da ideia de serem devorados, diz - “Mas se eu fosse tu, eu tinha medo era de um menino danado de bom na mira. Que consegue acertar uma manga no “oin” da árvore e que está pegando uma pedra pra poder é tacar no oin da sua cabeça”. Como mostramos essa cena em uma obra audiovisual? Devemos pensar primeiramente em como contá-la, como transmitir a ideia da valentia de um menino diante de um

personagem que representa o mal, e como expor também a reação desse personagem ao ser afrontado por uma criança? No audiovisual o “como mostrar” está diretamente relacionado com o “como contar”. Ter essa sensibilidade e assim inserir no roteiro cinematográfico a pureza e a inocência da criança, que sai de casa rumo a uma longa jornada para ajudar a matar a sede de seu amigo, em pleno sertão, sem comida, sem água e principalmente sem se preocupar com os perigos da vida, carregando consigo apenas o sonho de voar, e voando chegar ao rio São Francisco e fazer chover.

Esse é um espetáculo já previamente pensado para uma locação específica, neste caso, o sertão nordestino. Clima seco e sol ardente. Essas características quanto ao cinema, podem ser contadas e mostradas com uma iluminação mais amarelada e a respiração ofegante dos personagens, expressando o seu cansaço. Luiz Fernando Carvalho tem um leque de obras em que fez a fotografia semelhante ao que se imagina para o espetáculo *O menino e o céu*. A novela *Velho Chico* e a mini série *Hoje e dia de Maria*, nos dão um exemplo belíssimo do que é possível ser feito trabalhando bem a iluminação e as diferentes angulações de câmera.

Ao final do espetáculo, a mãe depois de tanto caminhar, encontra o seu menino. Desacordado e sem vida. A dor e a tristeza de uma - “mãe sem filho”, misturadas à beleza e felicidade de sentir a chuva mansa molhando o rosto e voltando a cair na terra

seca. Chuva essa que conforta em meio a dor. Extremamente poética. Uma cena belíssima desse espetáculo que deveria ser mantida, considerando as noções de adaptação.

Considerações finais:

O espetáculo já não está em cartaz há algum tempo, pois possui um trabalho de corpo muito pesado, que era característico do espetáculo e hoje em dia os atores não conseguem mais exercer. O espetáculo teve sua estreia em 2009 em Primavera do Leste, interior de Mato Grosso, pela Cia de Teatro Faces.



Parte daqui a ideia com relação à adaptação desse roteiro singular, visando transformá-lo em uma obra audiovisual. Como disse Wanderson, encerrando o assunto sobre O menino: “O grupo hoje tem uma relação muito forte com o menino e o céu. Quando se fala sobre O menino e o céu, é um momento que a gente tem lembranças maravilhosas por tudo que ele proporcionou para gente quanto ator e quanto grupo de teatro”.

Escrever sobre o processo de criação e todo o sentimento que envolve o roteiro de “O menino e o céu” foi uma experiência nova primeiramente, por ser meu primeiro artigo concluído e especial por ser um espetáculo que assisti há mais de 8 anos, quando participava de outro grupo de teatro, também no interior do Estado, e pude acompanhar a ascensão da Cia Faces bem como o processo de evolução e crescimento deles quanto grupo e quanto atores. Esse é um roteiro de beleza única, escrito por um Dramaturgo Matogrossense, que mais do que merecer, necessita ter a obra fílmica realizada, para assim eternizar a beleza, simplicidade e emoção desse espetáculo.

A adaptação do roteiro ainda está em seu processo inicial, pretendendo ser concluída até meio do ano de 2017 para a conclusão do Curso de Comunicação Social - Rádio e TV pela Universidade Federal de Mato Grosso e sob orientação do Professor Doutor Moacir Francisco Sant’Ana de Barros e coorientação do professor Doutor Pedro Pinto de Oliveira.



O Menino e o Céu, conta sua história e emociona através da pureza da criança, da amizade verdadeira entre o menino e o jumento, das dificuldades encontradas pelo caminho tal como a acolhida de novos amigos. Do amor e cuidado da mãe com o

menino, à dor da perda de quem se ama. No fim, uma cena emocionante retrata a realização do sonho do menino, que é voar.

As passagens de uma forma de comunicação para outra requerem, conforme podemos constatar, uma compreensão de quais eixos das narrativas devem ser mantidos e trabalhados na sua nova forma. Não se trata simplesmente de pegar conteúdos e colocar em uma nova forma, mas sim de saber cuidar da adaptação dos meios e fins da do modo em questão. A aventura das adaptações exige esse olhar de captar o sensível de uma forma para outra, do fio condutor que não se perde, apenas ganha vida em um novo meio.

REFERÊNCIAS

COMPARATO, Doc. **Da Criação ao Roteiro**. São Paulo: Summus, 2009

FIELD, Syd. **Manual do Roteiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Santa Catarina: UFSC, 2013.

LANNA, Wanderson. **O menino e o céu**. Mato Grosso, 2008.

TURNER, Graeme. **O cinema como prática social**. São Paulo, Summus, 1997.

Imagens de arquivo disponibilizadas por integrantes do Teatro Faces.